

EBVROBRIGA

História . Arqueologia . Património . Museologia

Revista do Museu Arqueológico Municipal
José Monteiro
do Fundão



*Resumo de um dos estudos arqueológicos
realizados no âmbito do projeto de
recuperação do sítio arqueológico de
Eburobriga, em Vila Real, no âmbito do
projeto de recuperação do sítio
arqueológico de Eburobriga, em Vila Real.*

*Resumo de um dos estudos arqueológicos
realizados no âmbito do projeto de
recuperação do sítio arqueológico de
Eburobriga, em Vila Real, no âmbito do
projeto de recuperação do sítio
arqueológico de Eburobriga, em Vila Real.*



José d'Encarnação*

Constituiu para mim grande honra, - a título pessoal, como discípulo, e institucionalmente, em representação da Associação dos Arqueólogos Portugueses (onde entrei pela sua mão, em Fevereiro de 1971) - poder proferir algumas palavras de evocação de D. Fernando de Almeida, por ocasião da homenagem prestada na sua terra natal. Agradeço, pois, à respectiva Comissão Executiva a oportunidade de dar testemunho do Mestre e do Epigrafista.

O Mestre

Tive D. Fernando como professor nas disciplinas de Epigrafia (então semestral), Arqueologia, Civilização Grega (semestral também). Foi com ele que preparei a minha dissertação de licenciatura sobre as divindades indígenas e, por isso, muitos foram os ensinamentos que dele recebi também na cadeira de Seminário (1968/1969). Anos, pois, de constante acompanhamento, a que se não pode deixar de juntar a bem agradável, alargada e proficiente visita de estudo a jazidas arqueológicas do Alentejo e do Algarve, no ano lectivo de 1966-1967 - e só por dificuldades de agenda é que não nos acompanharia, no ano seguinte, à memorável visita de estudo a Marrocos.

Ao recordar D. Fernando, a primeira palavra que me ocorre é Amizade: nutria para com os seus estudantes, mormente aqueles que lhe queriam seguir as pisadas, uma forte Amizade sem preconceitos. Depois, a extrema simplicidade no trato e no falar. E, logo de seguida, a boa disposição, de que dava mostras sempre que se lhe proporcionava um ensejo. Um dia, ao explicar o estilo da igreja de S. Francisco, em Évora, viu, por detrás de um arco, a palavra 'encartado' (que fazia parte da tabuleta de... um 'solicitador encartado'); e não esteve com meias medidas: voltou-se para o assistente e perguntou-lhe:

- Olhe lá: ali está escrito 'encartado'. O que é um arco... 'encartado'?

Doutra vez, uma estudante não percebia mesmo nada de Civilização Grega e, na prova oral, D. Fernando, a certo ponto, acabou por a 'ajudar', mais ou menos nestes termos:

- Ora, então, diga lá! O Festo, o Rufo e o Avieno decidiram fazer uma viagem aqui pela Península. E depois regressaram à Grécia, não foi? Contentes com o êxito, até escreveram um périplo e reuniram-se num

banquete para comemorar. E vai daí por isso é que o Platão escreveu a sua obra «O Banquete», não é verdade?

A *Ora Marítima*, de *Festus Rufus Avienus*, documento fundamental, como se sabe, para a identificação dos acidentes geográficos peninsulares, nomeadamente na costa atlântica, era, de facto, uma das obras que mais se comentava nas aulas e d'*O Banquete* nem fala a pena falar, por ser obra clássica do filósofo. A confusão ficara instalada por completo na cabeça da estudante, coitada!...

Tinha outro grande sortilégio: deixava fazer e incitava a publicar. Do grupo de seus estudantes da década de 60, poderei destacar António Cavaleiro Paixão e sua mulher, Judite, que com D. Fernando colaboraram em Tróia e em Alcácer do Sal, logo desde estudantes; Victor dos Santos Gonçalves, que defendeu tese de licenciatura no mesmo dia que eu (19 de Janeiro de 1970); Vitor Oliveira Jorge, mais novo, que aceitaria - como os anteriores - convite para ir leccionar no Ultramar. Eu próprio fui convidado nesse sentido por D. Fernando, em 1971, para a Universidade de Lourenço Marques, mas uma paralisia da corda vocal esquerda (que contraíra no serviço militar) levou-me a ponderar pela negativa. De salientar ainda Maria e Manuel Maia, Elisabete Cabral, Luísa Abreu Nunes, José Luís de Matos (que chegou a ser seu assistente na Faculdade), Luísa Estácio da Veiga (que ingressaria, como técnica e investigadora, no Museu de Arqueologia) - todos eles a preparar com D. Fernando dissertação de licenciatura.

Incitamento e autoconfiança. Recordava, amiúde, que não era preciso escrever muito nem perder-se em grandes elucubrações, dando como exemplo o facto de ter sido ele próprio reconhecido internacionalmente por um trabalho de cinco páginas, elaborado na altura em que trabalhava com o seu padrinho, o Prof. Egas Moniz, Prémio Nobel, páginas que compendiam o resultado da sua pesquisa a nível de uma lesão cerebral, se não erro (estou a citar de cor).

Instilava-nos frequentemente noções de ética e de severa deontologia profissional. Recordo que uma das suas mais veementes intervenções em reuniões científicas ocorreu nas III Jornadas Arqueológicas, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 13 de Outubro de 1977. Deu-lhe o título «A propósito da ética profissional» e assinou-a nas actas² apenas como «Presidente da A. A. P.»:

«Uma das funções que implicitamente compete à Associação dos Arqueólogos Portugueses é a defesa da propriedade científica dos resultados obtidos pelos seus associados no campo arqueológico. Esta afirmação, por

1 - Cf., por exemplo, José Ribeiro FERREIRA, *Ora Marítima*, Coimbra, 1992.

2 - *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Lisboa, 1978, p. 11.

evidente, julgo não ter discussão», assim começou a sua intervenção, onde, mais adiante, verbera:

«Ultimamente, os plagiadores tornaram a aparecer, com desplante baseado, julgo, na impunidade».

Citou casos e sugeriu, inclusive, que a Associação pensasse seriamente em levantar nela o pelourinho respectivo para julgar os prevaricadores.

E nunca vira D. Fernando tão... incisivo no seu falar!

De D. Fernando de Almeida só recebi, como Mestre, lições de vida. E que me seja permitido transcrever uma passagem do prefácio, assinado em Janeiro de 1974, com que se dignou brindar a edição das minhas *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*³, a dissertação de licenciatura que fizera sob sua orientação, palavras que retratam cabalmente o que acabo de referir acerca da sua personalidade.

Depois de sublinhar que, por via de novos teónimos estarem a surgir e ser, por isso, «necessário que alguém, suficientemente informado, se abalance a ir mais longe, isto é, a actualizar a obra monumental de Leite de Vasconcelos», comenta:

«Para início desse trabalho aparece este volume, da autoria do meu caro colega e antigo aluno na Faculdade de Letras, o Dr. José d'Encarnação; trata-se de uma obra séria e erudita, onde o escritor, com espírito metódico e conhecedor do assunto, por a ele de há muito se ter dedicado, conseguiu reunir tudo quanto actualmente existe e apareceu depois das *Religiões da Lusitânia*».

«Meu caro colega e antigo aluno» – quem, hoje, o escreveria assim, com esta ternura e em letra de forma, sendo professor catedrático e referindo-se a alguém que acabara de se licenciar?

Ele próprio, aliás, me propusera, de imediato, que eu preparasse o trabalho para publicação e diligenciou junto de Ruben A., então director da Imprensa Nacional, para que incluisse o volume nas publicações da casa.

O Epigrafista

Algo do que, neste aspecto, eu me propunha referir já Amílcar Guerra salientou na sua intervenção. Limitar-me-ei, pois, a assinalar dois ou três aspectos que mais directamente se prendem com a investigação a que eu próprio, por instigação sua, me lancei. De resto, quando chegara aquele momento crucial, «D. Fernando, que tema vou escolher para tese?», D. Fernando foi peremptório:

3 - Imprensa Nacional, Lisboa, 1975, p. 12.

-Sabe Latim, não sabe? Meta-se pela Epigrafia, pelas divindades!...

E assim foi. Aliás, ainda me acalentava o espírito a alegria que sentira quando, três anos atrás, decifrara e ia apresentar como inédita a inscrição a *Aracus Arantius Niccus* (essa a lição que eu dera antes de Amílcar Guerra propor a junção *Arantoniceus*), recém-encontrada em Cascais e que, durante séculos, se procurara em Lisboa⁴...

Na verdade, o tema das divindades era-lhe muito caro, pois, nas suas pesquisas pela *civitas Igaeditanorum*, haviam-lhe surgido as aras a Marte⁵; a descoberta do altar a *Igaedus* dera-lhe enorme prazer, atendendo à relação do teónimo com o nome da cidade e a romaria à Senhora do Almortão⁶. Particular interesse lhe suscitaram as divindades que chamou do «grupo Band-»⁷, entusiasmo com que me contagiou para que fossem as divindades indígenas o tema da minha dissertação. E também *Trebaruna*, para que já o convívio com Scarlat Lambrino - cujos estudos acompanhou bem de perto e que muito lhe inculuiu o gosto pela Epigrafia, de tal modo que foi D. Fernando que lhe sucedeu, após a sua morte precoce, na regência da cadeira na Faculdade - despertara a atenção e a inspiração poética⁸.

Desse período lembro um episódio que me marcou profundamente. Tendo eu ido ao seu gabinete no Museu de Belém - então designado Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Dr. Leite de Vasconcelos -, foi receber-me à porta e parou diante de uma ara:

- Tenho-a aqui bem à minha frente. Todas as vezes que passo olho para ela para a tentar decifrar, quiçá que com outra luz, alguma vez, decifre a inscrição. Parece-me que é dedicada a uma divindade *Evera*, mas não me soa lá muito bem. Que lhe parece?

Também me não parecia e, de facto, alguns anos volvidos, já depois da sua morte (não chegou a publicar o monumento), concluiu-se que se deveria ler *Severa*, a devota de uma provável *Tutela*⁹. Mas a lição ficou-me: vê-se uma

4 - Cf. J. d'ENCARNAÇÃO, «Aracus Arantius Niccus, uma divindade indígena venerada em Marique de Baixo (Alcabideche)», *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 2, 1974, 195-204. Cf. J. d'ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, nº 1 (p. 19-23). A interpretação *Arantoniceus* foi sugerida por Amílcar Guerra numa comunicação, em Sintra (1995), ainda por publicar; cf. J. d'ENCARNAÇÃO, «Teonímia da Lusitânia romana», *Religião, Língua y Cultura prerromanas de Hispania*, Salamanca, 2001, p. 368.

5 - «Aras inéditas, igeditanas, dedicadas a Marte. Um templo de Marte, em Idanha-a-Velha», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 6 (1962) 68-78.

6 - «Igaedus, divindade lusitana, e a Senhora do Almortão», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 8 (1964) 65-73.

7 - «Mais divindades lusitanas do grupo Band», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 9 (1965) 19-31.

8 - «Trebaruna, deusa lusitana» *Estudos de Castelo Branco* 6 (Out. 1962) 67-74.

9 - Cf. Manuel LELLÃO, «Contributo para o estudo das divindades indígenas da Beira Baixa no período romano - Duas novas aras», *Trebaruna* I (1981) 53-56, que ainda a interpreta como homenagem à divindade *Evera*; e José Manuel GARCIA, *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa, 1991, nº 434, que optou por interpretar *Severa Suelgi filia* a dedicante e a divindade *Tutelle* (em dativo). Trata-se de um monumento procedente de Ribeiro de Muro, Alameda, que tem no MNA, como nº de inventário, E 8234.

epígrafe uma vez, deixa-se da mão; volta-se 'à carga' outro dia, com outra iluminação e sem preconceitos; e outro; e outro - até se lograr uma hipótese viável. Uma lição de tenacidade e, muito especialmente, um exemplo grande de humildade inigualável.

Outros se reverão em D. Fernando de Almeida como arqueólogo e formador de arqueólogos. Honra-me pensar que, de certo modo, fui o continuador do seu legado como epigrafista.

Hoje, que vemos docentes jubilados ou aposentados sem deixarem rasto bom nem discípulos a perpetuarem-lhes a memória; hoje, em que a palavra «gratidão» parece ter sido friamente riscada do dicionário daqueles que conosco passam, jovens não só mas encanecidos também, amiúde roídos por inexplicáveis ciúmes... Hoje, que reconhecer-se «herdeiro» só parece interessar do ponto de vista do vil metal, das vastas propriedades, das contas chorudas e, raramente, de uma tradição como a que D. Fernando de Almeida nos legou, nobreza de sangue, nobreza de alma, nobreza de coração - é com toda a terrura filial, ousa dizê-lo (e que D. Francisco de Almeida me perdoe a ousadia...), que me curvo diante da sua memória e do coração lhe endereço o mais profundo reconhecimento pelas inesquecíveis lições que nos deu: bem haja, Mestre! Nós prometemos continuar assim - como nos ensinou!

*Universidade de Coimbra

